

POR PATRICK SELVATTI

A novela *Vai na Fé* está há um mês no ar e tem sido um presente para a televisão brasileira. Com números altos na audiência e sucesso de crítica, a obra de Rosane Svartman (autora das celebradas *Totalmente Demais* e *Bom Sucesso*) é uma história deliciosa, que fala de amor, de fé e de direitos humanos, sem ser piegas. Ao contrário, o enredo emociona e diverte a cada capítulo.

E não é só por isso que a produção do horário das 19h engaja: é a primeira do gênero a trazer, em uma história contemporânea, um elenco composto 70% por atores negros — incluindo os protagonistas. Como o advogado Benjamin, um homem de 40 anos, bem-sucedido, bonito, romântico e de ótimo caráter, que poderia ser entregue a qualquer intérprete, independentemente da cor da pele, mas caiu como uma luva no colo do ator Samuel de Assis.

Para o artista sergipano, que completa 40 anos em maio, Ben é o personagem que mais tem a ver com a sua própria essência. “Essa foi a parte mais difícil e também a melhor coisa. Ele é muito parecido comigo. Eu precisava pegar esse personagem”, conta ele, que acredita a conquista do papel nessa novela à justamente o tema que ela carrega: a fé. Samuel fez teste para as últimas quatro novelas do horário, todas para protagonista e, em todas anteriores, bateu na trave. “Às vezes, a gente lamenta uma coisa, mas não é para ser. Tem uma coisa melhor te esperando lá na frente”, reflete.

Lugar de fala

Samuel acredita que *Vai na Fé* seja um marco histórico pela forma como está tratando as questões raciais, especialmente seu personagem, que ocupa um espaço de destaque negado, por muito tempo, à fatia negra da classe artística. “É uma pena estarmos comemorando

No ar como o Ben de *Vai na Fé*, o ator Samuel de Assis conta à Revista sobre o caminho que percorreu até o primeiro protagonista, o que representa ser um galã preto e as bandeiras que defende por meio de seus personagens

É sobre
ter

FE

